

REMEMORAÇÃO E DIALÉTICA (INFLUÊNCIA HEGELIANA NO PENSAMENTO DE LIMA VAZ)

**Profa. Ms. Maria Celeste de Sousa*

Resumo: A filosofia de Lima Vaz é profundamente influenciada por Hegel e os dois conceitos que mais se destacam são a *Rememoração e a Dialética*. A comunicação pretende mostrar como estes conceitos são centrais na estrutura metodológica do filósofo brasileiro.

Palavras-chaves: Lima Vaz, Hegel, Rememoração, Dialética.

Abstract: The philosophy of Lima Vaz is deeply influenced by Hegel, and the two concepts those more stand out are Remembrance and Dialectics. This communication intends to show how these concepts are central on the methodologic structure of the brasilian philosopher.

Key-words: Lima Vaz, Hegel, Remembrance, Dialectics.

1. Introdução

Henrique Cláudio de Lima Vaz, filósofo brasileiro contemporâneo, foi um grande pensador da cultura moderna e pós-moderna e assumiu como objeto de reflexão a tensão entre o “moderno” e o problema filosófico do “Absoluto”. Então, construiu um sistema filosófico onde procura dialeticamente superar essa tensão através da retomada da “tradição filosófica”. Como bom historiador e metafísico, Lima Vaz recorre aos modelos platônico e hegeliano para estruturar o seu pensamento. Iremos, então, discorrer sobre a influência de Hegel na construção de seu sistema notadamente através dos conceitos de *rememoração e dialética* na seguinte ordem: 1) Lima Vaz e Hegel; 2) A rememoração; 3) A dialética.

1. Lima Vaz e Hegel:

Lima Vaz, *leitor e intérprete da grande tradição filosófica ocidental*,¹ se destaca no horizonte filosófico brasileiro por sua grande erudição filosófica que abrange todas as etapas da História da Filosofia, ao mesmo tempo em que permanece atualizado através do avanço das ciências humanas e naturais. Suas obras filosóficas constituem um acervo no qual o filósofo pode encontrar luzes para a interpretação dos problemas contemporâneos notadamente nos campos da Antropologia, da História, da Sociedade, da Ética, da Política e da Metafísica.

No desenvolvimento filosófico de Lima Vaz; a presença de Hegel ocupa a terceira fase e se inicia em 1955 quando ele concentrou-se no estudo da filosofia moderna. Mas intensifica-se profundamente, a partir de 1964 quando ele juntamente com um grupo de alunos leu durante três anos página por página a *Fenomenologia do Espírito*, em seguida a *Propedêutica, a Enciclopédia, a Lógica e os Cursos de Berlim*. O resultado de todo este labor filosófico foi a adesão à racionalidade dialética, de tal forma que fez dela a estrutura de seu próprio ato de filosofar, como podemos diagnosticar nos seus *Escritos de Filosofia*.

Em sua biobibliografia escrita na obra *Cristianismo e História* ele afirma que a obra de Hegel é como um olhar do Saber Absoluto, lembrando o passado de uma longa história, ao mesmo tempo em que aponta para o horizonte de uma nova história “*que se vê face a face com a tarefa ingente - única tarefa propriamente histórica - de assumir-se a si mesma na reflexibilidade de uma Razão total*”.²

Logo, a filosofia hegeliana é um dos modelos segundo o qual Lima Vaz olhou para o nosso tempo e procurou agir filosoficamente, consciente de que o filósofo deve sempre

¹ Cf. SAMPAIO, Rubens Godoy, *O Ser e os Outros*, Unimarco, São Paulo, 2001, p. 20

² Cf. PALÁCIO, C. (org.), *Cristianismo e História*, Edições Loyola, São Paulo, 1982, p.424.

recomeçar, no esforço contínuo para compreender as necessidades presentes no tempo e, assim, avançar na reflexão que descortina horizontes e inova a realidade.

Lima Vaz foi, portanto, um aprendiz de Hegel e descobriu que o “*progresso da filosofia deve consistir (...) em desocultar o ‘dado’ autêntico que seja alimento real à intussuscepção do espírito e libertar ao mesmo tempo a pulsão criadora com que o espírito mesmo dilata o objeto à medida de suas exigências concretas*”³ e retomou em suas obras o tema do *Sujeito* enquanto *Conceito* como podemos observar na *Antropologia filosófica* já que ele segue a racionalidade dialética para explicitar o processo no qual o homem faz a *experiência* original de si mesmo como *ser* capaz de dar *razão a si mesmo*.

Portanto, influenciado metodologicamente pelo filósofo alemão, Lima Vaz constrói um *sistema* filosófico em que assume dois procedimentos hegelianos essenciais na compreensão de sua filosofia: *a rememoração e a dialética*.

2. A Rememoração (*Erinnerung*)

A *rememoração* constitui o início do ato de filosofar de Lima Vaz porque para ele *o ato filosófico é, fundamentalmente, anámnese e noésis, recordação e pensamento*.⁴ Neste esforço rememorativo, ele pretende recuperar a tradição filosófica, seus temas, problemas e soluções para assim, bem fundamentado, descobrir no presente da reflexão filosófica a sua continuidade histórica.

Portanto, nesta atividade em reelaborar o presente a partir do passado, Lima Vaz se coloca frente a frente com a questão filosófica presente no tempo e procura compreender o *sentido* dos problemas contemporâneos, a partir da continuidade viva da

³ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Ontologia e História*, Edições Loyola, São Paulo, 2001.

⁴ Cf. SAMPAIO, Rubens Godoy., *Metafísica e Modernidade*, Edições Loyola, São Paulo, 2006, p. 249

tradição, e diagnosticar os problemas reais que o desafiam à reflexão pela “urgência mesma de suas interrogações, a promessa de uma porta aberta para a verdade”.⁵

Ao rememorar, o filósofo encontra-se com a cultura diante da herança passada, na forma como a tradição viu aquela questão e a elaborou para nós. No entanto se vê na iminência de aceitar a continuidade do processo cultural e ao mesmo tempo recusar os resultados. Eis por que a *rememoração* assume a forma de uma aporética. Como afirma Leopoldo: “A *aporia* é inseparável da *rememoração da tradição viva, exatamente porque dessa tradição não é possível extrair simplesmente a verdade, mas sim as dificuldades que estarão presentes como elementos de uma nova elaboração do verdadeiro*”.⁶ Aporia e verdade se relacionam através da dinâmica dialética entre oposições e sínteses que ao longo do tempo, convergem para o presente suscitando um novo filosofar.

Para Lima Vaz, um dos problemas urgentes do nosso tempo é a pergunta pelo *ser* do homem. Então, desafiado pela necessidade histórica em responder à questão fundamental *o que é o homem?* ele procurará na *Antropologia filosófica* desenvolver um discurso que interaja os diversos discursos antropológicos para assim, “organizar sistematicamente em torno do centro último de inteligibilidade do homem (...) a sua autoposição como sujeito.”⁷

Para alcançar esse objetivo o filósofo inquieto diante da problemática humana percebe que o progresso da filosofia antropológica se dá no encontro entre o pensamento e as aporias presentes no cotidiano da história. As aporias, por se tornarem persistentes revelam a permanência do passado no presente e, portanto, a continuidade cultural na qual passado e presente se entrelaçam solicitando do espírito novas respostas e o filósofo

⁵ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Ontologia e História, Edições Loyola, São Paulo, 2001, p. 58*

⁶ Cf. LEOPOLDO, F., op. cit. p. 152.

⁷ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Antropologia filosófica I, Edições Loyola, 1993, p.17*

como desvelador do “dado” é desafiado a criar novas perspectivas a partir das aporias para dar-lhe uma nova significação e assim fazer avançar o pensamento filosófico.

A *rememoração*,⁸ então, pertence intrinsecamente à estrutura da conceituação filosófica porque ela é o seu primeiro momento enquanto *determinação do objeto* e possibilita dois níveis de reflexão aporética: a primeira *histórica* porque recupera a temática em questão ao longo da história da filosofia e a segunda *crítica* porque reflete sobre o saber do homem sobre si mesmo no presente histórico.

A aporética *crítica*, por sua vez, realiza dois passos na reflexão: o *eidético* (*eidós=forma*) no qual se leva em conta os *elementos conceptuais*, presentes na experiência histórica do homem, e o *tético* (*thesis=posição*) no qual a pergunta se refere à mediação do *sujeito enquanto sujeito*, em busca da sua auto-significação, e responder à questão: *o que é o homem?*

Franklin Leopoldo no artigo *Notas para um estudo dos procedimentos metódicos em Lima Vaz*⁹ afirma que para Lima Vaz a *rememoração* é uma atividade enquanto reatualização de um acontecimento e que o ato de interrogar é pleno conhecimento, é movimento de relaboração da questão e de recomposição do nosso presente, frente à questão que nos é proposta a partir da tradição histórica. Pois nenhuma época está morta para aquela que a sucede, uma vez que a *rememoração* é a memória do pensamento vivo.

3. A Dialética (*de dialégesthai*)

A Dialética enquanto *lógos* verdadeiro que percorre interiormente todo o sistema da realidade na dinâmica de negação e afirmação, e que avança em busca de um princípio último que fundamente e justifique o labor filosófico, percorre toda a obra de Lima Vaz. Para ele, no método dialético “*a demonstração tem lugar no próprio movimento do lógos e se cumpre ao termo desse*

⁸ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, op.cit., p. 165.

⁹ Cf. LEOPOLDO, F., in Revista Síntese, Belo Horizonte, v. 30, n. 97, 2003, p. 150

*movimento que deve ser dito propriamente dialético. O movimento dialético tem seu termo normalmente numa Idéia última que integra todos os seus momentos.*¹⁰

Daí a importância da filosofia hegeliana nesse esforço interpretativo da cultura contemporânea que desconstrói a Metafísica e a Ética enquanto princípios significativos do *ser* e do *agir* do homem. Lima Vaz aprendeu com Hegel a fazer a releitura da ontologia clássica porque, para ele, Hegel recupera a dialética clássica “*abrangendo e articulando dialeticamente os domínios do Lógico, da Natureza e do Espírito*”,¹¹ e reencontra através da Lógica as puras idealidades, tornadas como momentos dialéticos do pensamento de si do Absoluto o que a ontologia clássica denomina de *nous* ou *intellectus*.

Comentando a aproximação de Lima Vaz e de Hegel, Rubens Godoy Sampaio afirma que Lima Vaz “*apreende claramente a triplíce exposição do sistema tardio de Hegel: a fenomenológica, a lógica e a noológica.*”¹² Especificamente nos dois aspectos fundamentais: o formal e o teleológico.

Pelo aspecto formal ele adere à estrutura triádica de universalidade, particularidade e singularidade. E a utiliza como modelo para estruturar a Antropologia, a Ética e a Metafísica, segundo a qual ele pensa o *Sujeito*, desdobrando-se no *Conceito*, seguindo o itinerário aberto por Hegel.

O momento da universalidade visa à totalidade em-si imediata. “*Ela é conceito enquanto pressuposição da racionalidade primeira e constitutiva do real, ou ainda enquanto resulta, em termos hegelianos, da supressão dialética da oposição entre ser e essência.*”¹³

¹⁰ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, Método e Dialética, in E.F.BRITO, L.H.CHANG (Orgs.) *Filosofia e Método*, São Paulo, Edições Loyola, 2002, p.

11.

¹¹ Cf. VAZ, op. cit., p. 15

¹² Cf. SAMPAIO, R. G., *Metafísica e Modernidade*, Edições Loyola, São Paulo, 2006, p. 237.

¹³ Cf. SAMPAIO, R. G., op.cit., p. 238.

O segundo momento do movimento dialético é a particularidade que é a mediação conceitual entre a universalidade e a singularidade. Portanto ela é negação do puramente universal e determinação do conceito no limite do ser particular.

Enfim, o momento da singularidade é a reflexão do particular em si mesmo como ser concreto e verdadeiro. “*A singularidade, na lógica hegeliana, visa à terceira das determinações do conceito. Ela apresenta a identidade reflexiva da universalidade primeira e da particularidade na qual se exprime inicialmente sua riqueza.*”¹⁴

A aplicação dos três momentos à história permite o pensamento da história, porque o universal expressa o sentido articulador que se particulariza na contingência dos fatos culturais enquanto razão e se singulariza no agir histórico dos homens enquanto inteligibilidade ou espírito objetivo.

O aspecto teleológico, também sob a influência de Hegel, é constante no pensamento vaziano e “*caracteriza-se por um movimento que é, ao mesmo tempo, progressão (linha) e retorno (círculo), cumulativo e progressivo.*”¹⁵ Porque o movimento dialético é a passagem da universalidade abstrata à particularidade, e é volta ao universal na concretude da singularidade. “*O aspecto teleológico se faz presente em cada uma das obras de Lima Vaz, em todo o seu sistema, e em todo o seu itinerário filosófico.*”¹⁶

Assim a dialética em Lima Vaz assume a conotação de uma ontologia, tanto na Antropologia quanto na Ética, uma vez que ele pretende atingir a inteligibilidade radical tanto do ser humano quanto do agir humano. Para ele “*o ser e o agir em nós, sendo por essência finitos, estão implicados numa presença do infinito que se manifesta em diferentes formas. (...) a oposição finito-infinito é constitutiva do ser humano e do seu agir.*”¹⁷

¹⁴ Cf. SAMPAIO, R. G., op.cit., p.239.

¹⁵ Cf. SAMPAIO, R. G., op.cit. p. 242.

¹⁶ Cf. SAMPAIO, R. G., op.cit. p. 243.

¹⁷ Cf. VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Método e dialética*, op. cit., p. 16.

Enfim na Antropologia ele quer buscar a compreensão unificada e coerente do fenômeno humano enquanto tal e na Ética o agir humano livre e racional, como também os pressupostos metafísicos que permitem a elaboração do discurso e amarram o sistema a partir da compreensão da oposição finito-infinito, homem-absoluto.

Conclusão

O ato filosófico de Lima Vaz, como vimos, é uma resposta à tensão contemporânea entre a fragmentação da razão moderna e a afirmação do Absoluto. Para ele, na cultura vigente onde a Metafísica e a Ética são aparentemente colocadas em segundo plano, o que está em risco é exatamente o sentido da sobrevivência humana.

Portanto é uma necessidade histórica repensar a tradição para reencontrar os problemas e as soluções outrora trabalhados filosoficamente a fim de encontrar luzes que poderão iluminar a questão filosófica presente. Metodologicamente a dialética hegeliana é a melhor caminho para se pensar a história, pois através da *rememoração* enquanto pensamento vivo da tradição e da *dialética*, enquanto discurso através das categorias, é possível refletir sobre a *desconstrução* da *Metafísica* e da *Ética* e perceber, no itinerário processual da *Antropologia*, que o homem como sujeito é *movimento dialético de passagem do dado à expressão*, ou da natureza à forma, em todas as experiências que ele faz enquanto sujeito situado.

Ora, é na compreensão de suas experiências que o homem se vê como um *ser* de relações. Sua vida é uma *interpretação de presenças*, de forma que ele é um ser-no-mundo, um ser-com-os-outros e uma presença a si mesmo, num espaço aberto para a transcendência.

Então, podemos concluir afirmando que a originalidade do pensamento vaziano em repropor a discussão sobre a compreensão humana do Absoluto só foi possível devido ao uso da filosofia hegeliana.

4. Referência bibliográfica

1. VAZ, H.C. de Lima, *Antropologia Filosófica I*, Edições Loyola, São Paulo, 1993.
- 2.-----, *Ontologia e História*, Edições Loyola, São Paulo, 2001
3. -----, *Filosofia e Cultura*, Edições Loyola, São Paulo, 1997.
4. -----, *A significação da Fenomenologia do Espírito*, in Hegel, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, parte 1, Vozes, 2001.
5. -----, *Bibliografia*, in Palácio, C. (org) *Cristianismo e História*, Edições Loyola, 1982.
- 6.-----, *Cultura e Ideologia*, sobre a interpretação do cap.VI da Fenomenologia do Espírito, in *Kriterion- Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais*, V. XX, Nº 67, Belo Horizonte, 1974.
6. SAMPAIO, R. Godoy, *Metafísica e Modernidade*, Edições Loyola, 2006.
7. ----- , *O Ser e os Outros*, Ed. Unimarco, 2001.
8. LEOPOLDO, Franklin, *Notas para um estudo dos procedimentos metódicos em Lima Vaz*, in *Revista Síntese*, V. 30, n. 97, Belo Horizonte, 2003.

*Profa. Ms. Maria Celeste de Sousa**

Doutoranda em Filosofia da PUC/SP,

Profa. de Filosofia no Instituto Teológico-Pastoral do Ceará - ITEP